

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

**PRÁTICAS DE ENFRENTAMENTO À DISCRIMINAÇÃO AOS ALUNOS
E ALUNAS LGBT**

Jane Lúcia de Freitas Durso da Rocha

Governador Valadares
2016

Jane Lúcia de Freitas Durso da Rocha

**PRÁTICAS DE ENFRENTAMENTO À DISCRIMINAÇÃO AOS ALUNOS
E ALUNAS LGBT**

Trabalho apresentado ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção de título de Especialista em Gênero e Diversidade na Escola.

Orientadora: Profa Dra Isabela Saraiva de Queiroz

Governador Valadares
2016

Jane Lúcia de Freitas Durso da Rocha

**PRÁTICAS DE ENFRENTAMENTO À DISCRIMINAÇÃO AOS ALUNOS
E ALUNAS LGBT**

Trabalho apresentado ao Programa de Pós- Graduação da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção de título de Especialista em Gênero e Diversidade na Escola. Governador Valadares, 2016

Isabela Saraiva de Queiroz (Orientadora) - UFMG

Maria Aparecida Marques Vasconcelos

DEDICATÓRIA

A meus filhos, marido, meus pais, irmã, irmãos e meus alunos e alunas.

Pelo incentivo, apoio e carinho.

AGRADECIMENTOS

A minha família que sempre me incentivou a nunca desistir.

Aos amigos Marilza Delfina, Denizia Gomes e Marcos Antônio Nascimento, demais professores e gestores da Escola Municipal Ivo de Tassis, que aceitaram participar deste projeto.

Aos alunos e alunas que participaram ativamente nas oficinas desenvolvidas neste trabalho.

Aos tutores Thiago Coacci, Anderson Xavier e Luciane Dias, que mediarão e incentivaram a minha participação e caminhada durante todo o curso.

A minha orientadora, Profa. Dra Isabela Saraiva de Queiroz, sem a qual este trabalho não seria concluído.

A todos e todas que de alguma forma contribuíram para a finalização deste trabalho.

“Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, ou por sua origem, ou sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se elas aprendem a odiar, podem ser ensinadas a amar, pois o amor chega mais naturalmente ao coração humano do que seu oposto.”

Nelson Mandela

RESUMO

O presente estudo tem como objeto as práticas de enfrentamento à discriminação a alunos e alunas LGBT na escola. Através da realização de um projeto de intervenção psicossocial, que propôs a execução de oficinas sobre homofobia e discriminação de alunos e alunas LGBT, com alunos e alunas dos 8º e 9º anos da Escola Municipal Ivo de Tassis, em Governador Valadares – MG, foram discutidos os desafios do cotidiano escolar em relação à discriminação de alunos e alunas LGBT. Ao final apresentamos a hipótese das oficinas serem um método produtivo de trabalho no enfrentamento de tais situações e na minimização das desigualdades de gênero produzidas dentro das escolas.

PALAVRAS-CHAVE: Desigualdade, homofobia, oficinas.

ABSTRACT

This paper studied coping practices discrimination to LGBT pupils and students in school. By conducting a psychosocial intervention project, which proposed the implementation of workshops on homophobia and discrimination against LGBT pupils and students, with male and female students of 8° and 9° years of the School of Ivo Tassis in Governador Valadares - MG, the challenges of everyday school life regarding discrimination of LGBT pupils and students were discussed. At the end we present the case of the workshops are a productive working method in coping with such situations and in reducing gender inequalities produced within schools.

KEYWORDS: inequality, homophobia, workshops.

LISTA DE SIGLAS

DUDH – Declaração Universal dos Direitos Humanos

LGBT – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 Justificativa	13
1.2 Objetivos.....	15
1.2.1 Objetivo geral	15
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	16
3 METODOLOGIA E RECURSOS	17
3.1 Metodologia adotada	17
3.2 Público alvo	18
3.3 Etapas e cronograma.....	19
3.3.1 Etapas	19
3.3.2 Cronograma de execução	20
3.4 Recursos Materiais	21
4 ANÁLISE DOS RESULTADOS	21
4.1 Relatório das oficinas	22
4.1.1 Reunião de sensibilização com equipe de profissionais	22
4.1.2 Oficina de sensibilização com alunos – oficina 1.	22
4.1.3 Oficina Diferenças e desigualdades na produção de hierarquias sexuais e de gênero – oficina 2	25
4.1.4 Oficina Discriminação do aluno e aluna LGBT – oficina 3	29
4.1.5 Oficina Homofobia – oficina 4	34
4.1.6 Oficina Direitos humanos e direitos sexuais e reprodutivos – oficina 5	38

4.2 Avaliação	41
5 CONCLUSÕES	42
REFERÊNCIAS	44
ANEXOS	46

1 INTRODUÇÃO

A diversidade sexual dentro do espaço escolar está cada vez mais exposta e bem menos estigmatizada. Porém, algumas atitudes hostis e discriminatórias ainda são praticadas e reforçadas contra alunos e alunas lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros (LGBT), que sofrem preconceitos e humilhações dentro e fora da escola. Se existem tais atitudes, como enfrentá-las? O que fazer para minimizar estas desigualdades? Dentro das escolas, quais práticas poderiam realizar o enfrentamento da discriminação aos alunos e alunas LGBT?

O presente trabalho aborda a temática das práticas de enfrentamento à discriminação aos alunos e alunas LGBT. Através da realização de um projeto de intervenção psicossocial, objetivou-se realizar oficinas sobre homofobia e discriminação de alunos e alunas LGBT, com alunos e alunas dos 8º e 9º anos da Escola Municipal Ivo de Tassis, em Governador Valadares – MG.

A Escola Municipal Ivo de Tassis foi escolhida por ser meu local de trabalho há 14 anos. É uma escola pública municipal que atende 1024 alunos em horário integral. Completa em 2015, 15 anos de funcionamento. Está situada no Bairro Turmalina, na cidade de Governador Valadares. É um bairro de nível socioeconômico baixo, onde se encontram pequenos comércios e pontos de venda de drogas. A renda familiar da maioria dos alunos não ultrapassa o salário-mínimo e muitos dependem do programa Bolsa Família. A maioria dos alunos se encontra em alguma situação de vulnerabilidade. Os docentes trabalham, geralmente, em dois turnos, na mesma escola ou em outra, e alguns em até três turnos.

A princípio, antes da investigação, observaram-se casos de discriminação e não aceitação de alunos e alunas LGBT. Tal discriminação e não aceitação de alunos e alunas LGBT é manifestada nas brincadeiras, nas piadas, nas regras de convivência, no regimento escolar e até mesmo no currículo, entre os profissionais e entre os alunos. Muitas vezes acontece uma discriminação velada, outras de maneira explícita, realizada durante as aulas, momentos de descontração, atividades extraclasse ou a qualquer momento. Com o objetivo de mostrarem-se de acordo com a heteronormatividade muitos agridem, marginalizando, excluindo e subjugando os diferentes. Estas ações são praticadas por profissionais e alunos, que as percebem como naturais baseados em conceitos de moralidade repressora.

Há 12 anos a escola foi pioneira no município implantando um Programa de Juventude que trabalhava temáticas ligadas à sexualidade, afetividade, gênero e cidadania. Os jovens e adolescentes passaram a participar de oficinas e debates com as temáticas da sexualidade. Os professores capacitados pelo programa realizavam as oficinas e, com o passar do tempo, os adolescentes se tornaram protagonistas e passaram a coordenar as oficinas. O programa tinha como objetivo o fortalecimento dos adolescentes para o seu desenvolvimento pessoal e social, promovendo a participação e o protagonismo juvenil. Ao longo destes anos, foram percebidas mudanças na convivência entre os alunos, professores e profissionais, bem como uma maior tolerância às temáticas da diversidade sexual.

Iniciamos os trabalhos com oficinas temáticas de convivência, autoestima e sexualidade com uma grande identificação tanto dos alunos e alunas como dos profissionais envolvidos do turno noturno do ano de 2003, mais tarde outros temas foram incluídos de acordo com a contribuição dos adolescentes. A partir de 2004, todas as turmas de anos finais do Ensino Fundamental, passaram a participar das oficinas. Pelo menos uma vez por mês, realizávamos uma oficina, planejadas e executadas pelos professores capacitados em curso específico do programa em questão. Em 2006, foi formado um grupo de mais ou menos 25 adolescentes que se tornaram protagonistas do programa, planejavam e executavam as oficinas mensais, com a participação dos professores e a professora referência do programa. Neste mesmo ano as turmas de anos iniciais foram incluídas no programa. A partir de 2007, tivemos o professor ou professora referência do programa, em todas as escolas que aderiram ao programa em questão, este professor ou professora contava com 6 horários semanais para preparar material e oficinas para serem executadas junto aos adolescentes. Desde o início do programa, anualmente realizávamos o Encontro Municipal de Adolescentes, onde os adolescentes realizavam uma mostra de todos os trabalhos realizados nas escolas. Iniciamos em 2003 com 4 escolas e em 2013 tínhamos a participação de 20 escolas, incluindo 4 do meio rural e 1 centro de internação.

Em 2015, o programa foi extinto no município, mas suas ações foram internalizadas pelos alunos, que sentem necessidade da continuidade destas ações. A falta de capacitação e identificação dos profissionais com as temáticas fizeram com que os mesmos não mais atuassem nestas ações. Percebe-se a falta de apoio do município para o fortalecimento dos profissionais para as práticas. As capacitações e formações não levam em conta as temáticas da diversidade sexual na escola.

Frequentemente, nos deparamos com algumas questões: Quais as percepções dos alunos sobre homofobia? Os alunos já presenciaram alguma discriminação aos alunos e alunas LGBT? Os alunos e alunas LGBT já foram discriminados ou não?

As perguntas acima sugerem que é importante abrir espaços de discussão sobre a diversidade sexual e orientação afetivo-sexual na escola, como forma de garantir que as diferenças não sejam vistas como algo de menor valor. Segundo Pinto (2000), a educação é um processo de transformação social e como prática ela deve possibilitar à população desenvolver ações que superem as dificuldades e levem à construção de direitos de cidadania. Acreditamos, assim, que a abordagem destas temáticas, em oficinas, na escola, poderia servir como estratégia para o enfrentamento das discriminações dos alunos e alunas LGBT, contribuindo para a diminuição das desigualdades entre os alunos e alunas desta instituição. Para verificar essa hipótese, realizamos um projeto de intervenção psicossocial, através da execução de oficinas com as temáticas: diferença e desigualdade na produção de sexuais e de gênero, discriminação, homofobia e direitos sexuais e reprodutivos.

1.1 Justificativa

Segundo Roger Raupp Rios (2001):

“na construção da individualidade de uma pessoa, a sexualidade consubstancia uma dimensão fundamental da constituição da subjetividade, alicerce indispensável para a possibilidade do livre desenvolvimento da personalidade. Fica claro, portanto, que as questões relativas à orientação sexual relacionam-se de modo íntimo com a proteção da dignidade da pessoa humana. Esta problemática se revela notadamente em face da homossexualidade, dado o caráter heterossexista e mesmo homofóbico que caracteriza a quase totalidade das complexas sociedades contemporâneas.” (p. 90-91)

Sujeitos que não se adequam à heteronormatividade são chamados de desviantes, são vítimas de preconceito e discriminação, colocados à margem da sociedade, podendo sofrer “punições” físicas ou até mesmo serem mortos; e a escola se constitui em espaço de produção e reprodução destas desigualdades.

Tratamento preconceituoso, medidas discriminatórias, ofensas, constrangimentos, ameaças e agressões físicas e verbais são constantes na vida dos alunos e alunas LGBT. Ainda prevalece a cultura de que os sujeitos vítimas de discriminação são culpados pelas agressões que sofrem, e que eles mesmos são preconceituosos quanto a si mesmos. Estes sujeitos passam a conviver com o medo de sofrer agressões em função de sua orientação sexual.

O sujeito é obrigado, ou se sente obrigado, a distanciar-se do convívio social, tanto por ação de um grupo considerado dominante, que impõe regras hegemônicas, quanto pelo isolamento voluntário, por entender que essa é a melhor forma de não se colocar em risco, ou até por não se conformar com padrões instituídos como “verdadeiros”. (MANSUR, s/d). Muitas vezes o aluno e aluna LGBT abandonam o ambiente escolar, poucos conseguem chegar a uma universidade.

Apesar de toda esta situação algumas pessoas mostram oposição a ações de enfrentamento à discriminação e de promoção da diversidade sexual. Outras pessoas não externam nitidamente seu posicionamento heterossexista se posicionando de maneira politicamente correta, o que acarreta a invisibilidade ou negação da existência do preconceito e da discriminação ao aluno e aluna LGBT.

Em nossas escolas a diversidade sexual tende a ser invisibilizada. Segundo Lionço e Diniz (2009), prevalece a exigência do silêncio sobre a diversidade, em matéria de sexualidade. Essa omissão denuncia uma tendência à censura implícita ao tema. A sexualidade não-heterossexual, em sua dimensão de superação da lógica reprodutiva e supostamente natural, é um interdito, constituindo-se em um tabu. Nos livros didáticos, a sexualidade somente é passível de enunciação quando remete ao coito heterossexual e à compreensão de seus efeitos reprodutivos.

A falta de capacitação para os educadores lidarem com a diversidade sexual dentro da escola favorece ainda mais a invisibilidade da diversidade sexual na escola. Mas isso poderia mudar se houvesse o envolvimento dos gestores com a mobilização dos educadores para buscarem conhecimentos sobre as temáticas da diversidade sexual e de gênero na escola, bem como a inovação nas práticas escolares.

A criação de políticas públicas efetiva os direitos de todos e todas mas também demonstra o quanto temos que avançar para que as violações de Direitos Humanos de pessoas LGBT sejam visibilizados e, assim, enfrentadas.

A escola não consegue acabar com o preconceito e a discriminação, mas pode através da abertura de espaços de discussão e diálogo, com a parceria da família, favorecer seu enfrentamento, aumentando o respeito às diferenças. Como afirma Miranda (s/d), a problematização da homofobia e o reconhecimento da diversidade sexual revelam-se indispensáveis para se viabilizar não só uma educação inclusiva e de qualidade, mas também a consolidação de um modelo democrático de sociedade.

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo geral:

Elaborar e executar um projeto de intervenção para grupos de adolescentes dos 8° e 9° anos, por meio de oficinas com temas relacionados à homofobia e à discriminação de alunos e alunas LGBT a fim de facilitar o desenvolvimento de práticas de enfrentamento à discriminação de alunos e alunas LGBT.

1.2.2 Objetivos específicos:

- Propor a formação de grupos de adolescentes para realizar oficinas.
- Identificar os principais problemas relacionados à discriminação aos alunos e alunas LGBT que podem ocorrer na escola.
- Propor a elaboração de oficinas, para os adolescentes, relacionadas aos seguintes temas: diferença e desigualdade na produção de hierarquias sexuais e de gênero, homofobia, discriminação e direitos sexuais e reprodutivos.
- Realizar 05 oficinas com adolescentes de 8° e 9° anos
- Registrar, em forma de relatórios, cada etapa do projeto, bem como responder às seguintes questões: Quais as percepções dos alunos sobre homofobia? Os alunos já

presenciaram alguma discriminação aos alunos LGBT? Os alunos LGBT já foram discriminados ou não?

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Segundo Junqueira (2007, p. 62): “De formas sutis e variadas, a homofobia faz parte de nossas rotinas diárias. Ela é consentida e ensinada nas nossas escolas. Aparece na hora da chamada, nas brincadeiras e nas piadas”. A homofobia é “a discriminação contra as pessoas que mostram, ou a quem se atribui, algumas qualidades (ou defeitos) atribuídos ao outro gênero” (WELZER-LANG, 2001, p. 465). Atitudes enraizadas em nossa cultura escolar. A falta de informação e discussão sobre as temáticas da diversidade sexual entre os profissionais e alunos torna a escola um ambiente opressor e gera para os alunos e alunas LGBT baixa autoestima e abandono dos estudos. “A vivência recorrente dessas violências por pessoas LGBT pode levar à homofobia internalizada, que é a incorporação de hostilidades quanto a sua própria orientação afetivo-sexual” (MOITA, 2003).

Atitudes homofóbicas estão presentes em todos os lugares. Os sujeitos LGBT sofrem violações de seus direitos. “Estas situações são comuns no contexto escolar, sustentadas por discursos nos quais práticas opressivas e preconceituosas são tratadas, quando reconhecidas, como fatos isolados ou parte comum da socialização de jovens, negando qualquer responsabilização da instituição sobre essa dinâmica” (PRADO, MARTINS e ROCHA, 2009). Na maioria das vezes, as ações preconceituosas discriminatórias não são reconhecidas e são até mesmo negadas, fazendo com que pareça que não existem. Estas atitudes são reflexo da cultura heteronormativa, que dita os locais de poder de cada um/a, hierarquizando as relações.

Dentre os direitos violados estão os direitos sexuais e reprodutivos. O objetivo dos direitos sexuais e reprodutivos é reduzir as violações à autonomia pessoal, integridade física e psicológica de que são alvos indivíduos e coletividades, e garantir os meios necessários para o ser humano alcançar seu bem-estar sexual e reprodutivo (VENTURA, 2002). Segundo a autora, um destes direitos é o direito de exercer a orientação afetivo-sexual sem sofrer discriminações ou violência. Grande parte dos alunos e alunas LGBT sequer têm a oportunidade de demonstrar

carinho em público, pois são hostilizados para que não façam isso, levando-os a viver a cultura do “armário”¹. O direito à identidade de gênero não é tido como prioridade, de modo que ser chamado pelo nome social, ou usar algum tipo de roupa que é naturalizado como de outro gênero, se torna uma ofensa.

A prática da observação e a análise da trama miúda do cotidiano escolar podem revelar um conjunto infinito de situações e procedimentos pedagógicos e curriculares (ora mais explícitos, ora mais implícitos, e, de toda a sorte, “em ação”), estreitamente vinculados a processos sociais por meio dos quais se desdobra e aprofunda a produção de diferenças, distinções e clivagens sociais que interferem, direta e indiretamente, na formação, no desempenho escolar de cada um/a e na desigualdade da distribuição do “sucesso” e do “fracasso” escolar (JUNQUEIRA, 2009, p.208-230). A partir da observação das ações escolares é possível repensar ações que possam respeitar as diferenças. O enfrentamento da discriminação aos alunos e alunas LGBT, poderia abrir espaços de discussão sobre a diversidade sexual, nos quais os alunos e alunas teriam participação efetiva na promoção do respeito às diferenças. Infelizmente, muitos acreditam que estas temáticas trariam polêmicas que não melhorariam a convivência dentro do espaço escolar.

A sensibilização e mobilização dos profissionais são de suma importância para ocorram mudanças. Trabalhar com oficinas garante espaços para que os sujeitos se expressem com liberdade, exerçam sua criatividade, reflitam e discutam questões de seu interesse, realizando uma troca de experiências, na qual um aprende com o outro. O trabalho realizado através de oficinas permite o diálogo e discussões por meio de textos, filmes, estudos de casos, vivências, dinâmicas de grupos, jogos, músicas, colagens e dramatizações. Cada tema é vivenciado proporcionando um aprendizado, levando à modificação de atitudes, contribuindo para a elevação da qualidade de vida dos envolvidos, alunos e profissionais.

3 METODOLOGIA E RECURSOS

3.1 Metodologia adotada

¹ Segundo Sedgwick o armário é um dispositivo de regulação da vida de gays e lésbicas. Onde os mesmos manteriam sua identidade de gênero guardada.

A metodologia proposta neste trabalho é de intervenção psicossocial, realizando a oficina como estratégia educativa. As oficinas contarão com técnicas diversificadas, como: técnicas psicodramáticas, dinâmicas de grupo, exposição de trechos de filmes, debates de textos, além da discussão de relatos de experiências trazidos pelos participantes. Estas oficinas serão realizadas nos meses de novembro e dezembro de 2015, com grupos de adolescentes de 8° e 9° anos, de forma sistemática e sequencial. Trabalhando com essa estratégia teremos a oportunidade de construção de conhecimentos e formação de um sujeito criativo e pensante. Com isso buscaremos facilitar o empoderamento dos alunos e alunas LGBT, abrindo espaços para posicionamentos mais conscientes e respeitosos entre os participantes.

Segundo Afonso (2002, p.11), oficina significa um processo estruturado com grupos, independente do número de encontros, sendo focalizado em torno de uma questão central que o grupo se propõe a elaborar, em um contexto social. A elaboração que se busca na oficina não se restringe a uma reflexão racional, envolve os sujeitos de maneira integral, formas de pensar, sentir e agir.

Aprender em grupo significa uma leitura crítica da realidade, uma apropriação ativa desta realidade. Uma atitude investigativa, na qual cada resposta obtida se transforma, imediatamente, numa nova pergunta. Com adolescentes, as técnicas grupais são indicadas como instrumento para desenvolvimento dos fatores básicos e elementares de prevenção, pois possibilitam a seus integrantes a apropriação e internalização das informações, transformando-as em atitudes de proteção à sua saúde, na medida em que os jovens se sentem protagonistas de suas próprias histórias e da história de sua comunidade (ABDUCH, 1999).

O grupo ajuda a constituir para o indivíduo o seu ‘espaço vital’, sendo ao mesmo tempo, influência, instrumento e contexto para a mudança social (MAILHIOT, 1991).

3.2 Público alvo

Dois grupos de adolescentes, um representando o 8º ano e outro representando o 9º ano do ensino fundamental, bem como professores e gestores da Escola Municipal Ivo de Tassis. Totalizando 43 alunos e alunas, 12 professores e 5 gestores.

3.3 Etapas e cronograma de execução

3.3.1 Etapas

Em um primeiro momento, o projeto de intervenção foi apresentado para a direção da escola em uma reunião, logo após foi feita uma sensibilização com os profissionais da escola para que conhecessem, cooperassem e facilitassem a realização das oficinas. Os adolescentes foram selecionados de acordo com o interesse pelo projeto, disponibilidade e compromisso.

O projeto constou de 05 oficinas com os seguintes temas:

- 1) Apresentação do projeto e sensibilização
- 2) Diferença e desigualdade na produção de hierarquias sexuais e de gênero
- 3) Discriminação
- 4) Homofobia
- 5) Direitos sexuais e reprodutivos

O período para o desenvolvimento do projeto foi de aproximadamente dois meses, compreendendo desde a sensibilização até a avaliação final. As oficinas tiveram a duração de duas horas a duas horas e trinta minutos e foram realizadas na Escola Municipal Ivo de Tassis.

As oficinas foram realizadas da seguinte forma:

- 1- **Integração inicial:** as oficinas foram iniciadas sempre com uma técnica para integração, descontração e “quebra do gelo”. “O grupo estando relaxado, mobilizado e flexível, torna-se aquecido” (SERRA; CANNON, 1999, p.283). Nesta fase foram utilizadas técnicas lúdicas de movimento corporal ou de relaxamento com música. O objetivo foi o aquecimento, integração, motivação e confiança.
- 2- **Trabalho do conteúdo:** nesta fase foi considerada a experiência e o conhecimento que o adolescente possuía sobre o tema em questão, pois ele é o construtor de seu

próprio aprendizado. O assunto discutido foi articulado com a realidade vivenciada pelo grupo. Após a reflexão e discussão o produto foi apresentado individualmente ou em subgrupos através de cartazes, teatros, explanações orais ou outros.

- 3- **Fundamentação teórica:** nesta fase foi realizado um aprofundamento do tema com textos que tratavam sobre o mesmo com diferentes opiniões para fechamento do assunto.
- 4- **Avaliação:** no final foi realizada uma avaliação do dia, também utilizando técnicas descontraídas, através das quais os adolescentes puderam expressar como se sentem em relação ao tema trabalhado. Além de uma avaliação individual por escrito.

É importante manter registros sistemáticos de todas as etapas do trabalho, com vistas a qualificar os processos de avaliação das oficinas e das aprendizagens. As anotações foram feitas em forma de relatórios e avaliações individuais² dos participantes a cada oficina.

3.3.2 Cronograma de execução

Data	Etapas	Atividades	Participantes	Tempo
01/09/15	Reunião de sensibilização da equipe de profissionais	Planejamento e execução	Direção e professores	1 hora
11/11/15	Primeira Oficina: Sensibilização dos adolescentes	Aplicação	Adolescentes 8° e 9° anos	1h30min
18/11/15	Segunda Oficina: Diversidade humana	Aplicação	Adolescentes 8° e 9° anos	2h30min
02/12/15	Terceira Oficina: Discriminação	Aplicação	Adolescentes 8° e 9° anos	2h30min
08/12/15	Quarta Oficina: Homofobia	Aplicação	Adolescentes 8° e 9° anos	2h30min

² Avaliação individual de cada oficina – Anexo 1

10/12/15	Quinta oficina: Direitos sexuais e reprodutivos	Aplicação	Adolescentes 8° e 9° anos	2h30min
17/12/15	Reunião de avaliação Final	Avaliação	Direção e professores e representantes dos alunos e alunas	1h30min

Cronograma de atividades do projeto

3.4 Recursos materiais

Espaço disponibilizado pela escola para a realização das oficinas, bem como materiais para cada atividade proposta:

- Cronograma do projeto.
- Projetor digital.
- Letras de músicas.
- Texto sobre diversidade, discriminação e preconceito.
- Slides sobre homofobia
- Texto sobre a evolução histórica dos Direitos Humanos e os artigos 1°, 3° e 227 da Constituição Brasileira em slides A primeira oficina terá como objetivos apresentar o projeto, levantar os conhecimentos prévios dos temas do projeto e a participação dos alunos e alunas.
- Texto “Deveres humanos” de Osho.
- Avaliação individual de cada oficina
- Papel pardo
- Papel A4
- Pincéis

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

4.1 Relatório de atividades do projeto

4.1.1 Reunião de sensibilização com equipe de profissionais

A reunião foi realizada no dia 01/09/2015, com a direção e professores dos anos finais da Escola Municipal Ivo de Tassis. Seu objetivo foi apresentar o projeto e sensibilizar a equipe de profissionais sobre a importância do mesmo, além de conseguir parceria para realizá-lo.

Apresentamos a proposta do projeto e suas temáticas para cada oficina, conversamos sobre as possibilidades para sua realização. Dois professores se dispuseram a realizar/mediar as oficinas: Marcos Antônio (professor de história) e Marilza Delfina (professora de literatura). A direção se mostrou empenhada em ajudar na realização do projeto. Logo após a reunião com todos participantes discutimos separadamente com os professores Marcos Antônio e Marilza Delfina sobre como seria a participação de cada um durante o projeto e também as possíveis datas para as oficinas.

4.1.2 Oficina de sensibilização com alunos – oficina 1

A oficina de sensibilização foi realizada no dia 11/11/2015, com dois grupos de alunos de 8° e 9° ano, na Escola Municipal Ivo de Tassis. Seus objetivos foram promover a integração do grupo de participantes, compartilhar expectativas em relação às oficinas, levantar conhecimentos prévios sobre os temas das oficinas, apresentar o cronograma das oficinas, estabelecer coletivamente contratos e compromissos em relação às atividades realizadas durante o projeto.

A escola nos disponibilizou uma sala onde não havia atividades, pois na sala de aula ficaria impossível a movimentação dos alunos por causa do volume de carteiras. No espaço destinado à atividade também foi necessária a retirada das cadeiras para abrir mais espaço.

A oficina foi realizada com a participação dos professores que estavam no horário com a nossa mediação e dos professores Marcos Antônio (professor de história) e Marilza Delfina

(professora de literatura). As professoras de português e de geografia também se ofereceram para participar das próximas oficinas.

Para a realização desta oficina utilizamos como recursos materiais: aparelho de som, cd com música, tarjas de papel A4, pincéis, fita adesiva, cartaz com a frase: “Para que este grupo funcione...” (para o contrato de convivência), painel de expectativas, papel pardo, xerox com os objetivos e cronograma das oficinas.

Na abertura realizamos as boas vindas ao grupo e apresentação dos facilitadores/mediadores da oficina. O grupo foi questionado sobre a intenção de participação no projeto, todos se manifestaram positivamente.

O grupo foi convidado a participar de uma atividade inicial de integração e conhecimento mútuo, onde utilizamos a técnica caminhada com encontros em duplas. Caminharam pela sala ao som de uma música e quando a música foi interrompida, conversaram em dupla sobre as perguntas ou completaram as frases abaixo:

- Qual a sua idade?
- Um sonho que quero realizar é...
- Que qualidades você aprecia em si mesmo/mesma?
- Que qualidades você mais aprecia em seus colegas?
- O que você mais gosta de fazer nas horas de lazer?
- Que lembrança boa lhe ficou da infância?
- O que é discriminação para você?
- O preconceito traz...

Após a técnica fizemos uma reflexão sobre a mesma, na qual os participantes relataram que se divertiram, conversaram com pessoas que não eram tão próximas, falaram sobre assuntos que normalmente não falaria se ninguém os pedisse. Na hora da formação das duplas, alguns ficaram perdidos e alguns sem par, um aluno que ficou por mais de duas vezes sem par relatou que não era bom, que se sentiu infeliz, mas que aceitava e ficava no mesmo lugar sem procurar alguém que pudesse ouvi-lo. Foi um momento em que o grupo da turma de 8º ano interagiu e não houve separação de grupos, chamados pelos alunos de panelinhas. Já na turma de 9º ano houve reclamações de alunos e alunas que ficavam sempre no mesmo grupo, mas a interação também ocorreu.

Foi entregue uma tarja de papel A4 e um pincel para cada participante. Solicitamos que registrassem, com letras grandes e legíveis, sua principal expectativa em relação às oficinas. Organizamos o grupo em semicírculo e fizemos a leitura em voz alta de cada expectativa, que depois foram coladas no painel previamente preparado com o título “Nossas expectativas”. As expectativas levantadas pelo grupo foram: “conhecer mais as pessoas, bem mais que já conhecia; se conhecer melhor. Conhecer e aproximar mais de meus amigos. Trocar informações para melhor convívio. Se libertar mais. Acabar com o preconceito. Acabar com o bullying. Aprender sobre as diferenças. Adaptar um ao outro. Ver o lado bom e o lado ruim do outro. Que me ensine e me ajude. Aprender. Ajudar a parar com o preconceito. Acabar com a discriminação. Divertir conhecendo pessoas. Diálogo. Falar de discriminação racial. Aprender sobre preconceito e discriminação racial. Falar sobre os problemas da água, corpo humano, direitos humanos e respeito aos pais. Aprender a respeitar as pessoas como as pessoas são e não como vemos elas”.

Explicamos a metodologia das oficinas e acrescentamos as expectativas dos facilitadores/mediadores ao painel. Lembramos sobre o caráter participativo das oficinas e a importância da disponibilidade de todos para participar, rever e construir novos conceitos.

Algumas expectativas do grupo não faziam parte dos objetivos das oficinas e foi explicado que na medida do possível as dúvidas em relação aos temas seriam discutidas.

Logo após foi feita a distribuição do cronograma e objetivos. A apresentação dos objetivos do projeto, dos temas e cronograma das oficinas foi realizada através da leitura coletiva, comparando os temas de cada oficina com as expectativas apresentadas pelo grupo, mostrando quais expectativas não seriam atendidas.

Conversamos com o grupo sobre a importância de acordos para a convivência e o trabalho participativo em grupos de aprendizagem. Propusemos que pensassem sobre as condições básicas para que as oficinas fossem produtivas e agradáveis. Com os participantes em semicírculo foi dada oportunidade para que cada um e cada uma apresentasse uma condição que considerasse fundamental para o bom andamento e funcionamento do grupo. Anotamos os pontos principais em um cartaz.

Os participantes sugeriram que para que esse grupo funcionasse era necessário sigilo, aceitar e respeitar as opiniões e sentimentos, não criticar, não debochar do colega, pensar antes de agir/ falar, liberdade de expressão, diálogo, aceitar e respeitar as diferenças (sexual, religiosa, étnica/ racial, social), ouvir o outro, deixar as brincadeiras na hora das atividades das oficinas,

participação de todos, união, separar os grupos e misturar (desfazer panelinhas e formar grupos diferentes), conviver com o outro.

Analisamos as contribuições de todos, eliminando repetições, reformulamos e negociamos as ideias até chegar a uma síntese dos pontos mais importantes. Explicamos que este cartaz seria fixado em local visível e qualquer pessoa do grupo, quando julgasse necessário, poderia propor nova discussão para que fosse modificado, durante qualquer oficina.

Foi entregue para cada participante uma cópia de avaliação individual da oficina³.

O grupo considerou que em relação aos objetivos propostos, a oficina foi 66% muito adequada, 34% adequada, 0% pouco adequada, 0% inadequada. A respeito dos temas trabalhados, as expectativas ficaram 86% satisfeitas, 12% relativamente satisfeitas, 2% insatisfeitas. Em geral, a dinâmica da oficina foi 98% agradável e interessante, 0% monótona e cansativa e 2% não opinou. Quanto aos sentimentos, durante a oficina 6% se sentiu constrangido, 86% se sentiu a vontade e 8% teve outros sentimentos como: se sentiu muito bem, alegre, feliz, curioso. Percebemos a ansiedade e vontade dos dois grupos em que as oficinas continuassem sendo realizadas, e que outras temáticas, mesmo não sendo o objetivo do projeto, também fossem abordadas. Na avaliação citaram a falta de envolvimento de alguns e que poderiam envolver outros até de outras turmas, percebemos a vontade de que outros também tivessem a oportunidade de estar no grupo.

Como pontos fortes nesta oficina tivemos a disponibilidade dos profissionais, gestão e alunos e alunas em participar e contribuir com o projeto e a realização de todas as etapas do planejamento da oficina. Os alunos estavam curiosos em saber como seria o projeto e como seria a participação deles.

A organização do espaço com muitas mesas e cadeiras, foi considerada como um ponto fraco.

4.1.3 Oficina Diferenças e desigualdades na produção de hierarquias sexuais e de gênero – oficina 2

³ Avaliação Individual da Oficina – Anexo 1

A segunda oficina foi realizada no dia 18/11/2015, com a duração de 2h30min, tendo como objetivos promover a discussão sobre os processos de hierarquização sexual e de gênero, e refletir sobre as diferenças que atualmente provocam reações de preconceitos, angústias e desigualdades. O público-alvo desta oficina foram os dois grupos de alunos de 8º e 9º ano da Escola Municipal Ivo de Tassis que se dispuseram a participar do projeto de intervenção.

A oficina foi realizada pelos facilitadores/mediadores Jane Lúcia, Marcos Antônio, Marilza Delfina e colaboração da professora de geografia Zuneide Silva, em sala de aula, feitas algumas alterações nas carteiras, abrindo espaços e colocando as cadeiras de forma circular.

Os recursos materiais utilizados para a realização desta oficina foram aparelho de som, Cd com música alegre, pincéis, fita adesiva, durex colorido, papel pardo, papel A4, imagens de pessoas de diferentes estilos e estereótipos, perguntas a serem respondidas em grupo, trecho de texto sobre diversidade.

Os participantes foram convidados a formar um círculo e que de mãos dadas inicialmente pudessem se movimentar ao som de uma música. Após algum tempo pedimos para que cada um se expressasse da forma como quisesse (cantando, dançando, fazendo gestos como tocar um instrumento, pôr as mãos na cabeça, movimento de um trem, etc) e que os outros tentassem imitar. Alguns dos participantes se intimidaram com a atividade então pedimos um dos facilitadores/mediadores para iniciar indo ao meio e fazendo algo para que os outros imitassem. E assim então foram sendo substituídos até o fim da música. Após a atividade realizamos uma reflexão sobre a mesma, sobre os sentimentos que surgiram e levantamos alguns questionamentos, como: porque temos medo de ocupar o centro da roda? Será que nos sentimos despreparados? Não seria uma oportunidade para observarmos nossas atitudes e nossas relações, vendo a vida sob outro ângulo, que pode nos oferecer outras oportunidades, se tivermos tranquilidade para aceitar essa nova proposta? Alguns relataram que era difícil ir ao centro e se sentir nesta posição porque chama a atenção, porque se sentem com vergonha, se sentem sozinhos, tendem a copiar os gestos dos que já foram, porque todos iam rir, iam ver seus defeitos, reparar. Mas também repararam que após algum tempo realizando a atividades já conseguiam fazer a atividade com mais tranquilidade, acharam divertido, conseguiram observar o que outros e outras eram capazes de fazer e que não sabiam.

Colocamos no centro da sala várias imagens de pessoas de diferentes estilos e estereótipos. Sentados em semicírculo, pedimos para que cada participante se levantasse e escolhesse uma imagem com a qual mais se identificasse e voltasse para o semicírculo.

Pedimos para que observassem por um tempinho a imagem escolhida e refletissem: por que escolheram a imagem? O que ela teria a ver com cada um? Em que lugar seria mais encontrada a pessoa da imagem? Será que existiria aproximação com outras imagens? Logo após eles expuseram para todo o grupo o que pensaram sobre as imagens. Alguns escolheram as imagens pela expressão facial, pela profissão, aparência física, pelos recursos tecnológicos presentes na imagem, porque gostariam de ter a aparência física da foto, pela semelhança física consigo mesmo, pela profissão de cozinheira por causa da comida, estilo de foto, demonstrar amor fraterno, carinho de pai adolescente. Em relação à imagem de uma adolescente negra uma participante falou que escolheu porque ninguém é perfeito e ela tinha muitos defeitos, quando questionada sobre os defeitos da pessoa da imagem a participante disse que as “pessoas” achavam que ela era negra e tinha cabelo ruim. Quando questionada sobre sua identificação com a imagem disse que era porque ninguém iria escolhê-la. Aproveitamos para refletir porque as outras imagens não foram escolhidas e dentre estas imagens existiam pessoas LGBT, ou com aparências diferenciadas dos padrões heteronormativos e alguns participantes relataram que não escolheram por estes motivos. Foram faladas também das diferenças que existiam nas imagens como racial, profissional, sexual e social.

Os participantes foram divididos em subgrupos de 3 ou 4 integrantes para discutirem sobre: o que é diversidade? Que tipo de diversidade ocorreu entre os seres humanos? Pedimos para que um representante do grupo apresentasse o que escreveram. Na apresentação em plenária, a definição grupal era que diversidade eram as diferenças entre todos, que ninguém é igual e que esta diferença poderia ser percebida na forma de agir, no jeito de se vestir, cor, raça, etnia, religião, cultural, gênero, orientação sexual, estatura. Com a diversidade levantada pelo grupo refletimos sobre as diversidades que atualmente provocam reações de preconceito, angústias e desigualdades. Os participantes nos relataram que existem grupos que são separados como ser adolescente, padrão de beleza, tipo de religião, jeito de se vestir, gays, negros e mulheres e que são considerados como defeitos, pois são considerados diferentes da maioria, o que faz com que muitos se isolem ou sejam isolados/discriminados.

Após reflexão, os participantes escolheram as palavras “orientação sexual, religião, gênero e etnia” como mais significativas em relação à diversidade humana e com estas palavras realizamos a técnica “Jogo da diversidade”, na qual cada participante foi identificado com uma delas e houve troca de lugares todas as vezes que sua palavra foi dita pelo mediador da atividade. Refletimos sobre: quais sentimentos surgiram durante a atividade? Se alguém usou a força para garantir um lugar? Se alguém sentiu medo de não conseguir um lugar? A palavra que receberam foi escolhida pelo/a participante? O que sentiram ao recebê-la? Existem espaços e lugares para todas as diversidades em nossa sociedade? Alguns participantes disseram se sentir incomodados com as palavras, outros sentiram medo de não encontrar um lugar para si, quando não viram um lugar para se sentarem acharam que ficariam em pé ou sozinhos em uma situação difícil, que seria mais fácil escolher a palavra que mais se identificassem, mas outros não ligaram. Em relação à existência de espaços para todas as diversidades disseram que deveriam existir, mas que algumas diferenças ficam escondidas e que preferem não demonstrar para não serem discriminados, apelidados, mal tratados. Também disseram que nem todos são aceitos se a diferença, por exemplo, é sexual (orientação sexual). Quando questionados sobre o porque isso acontece, responderam que sempre foi assim.

Depois da reflexão sobre a técnica da diversidade distribuímos um pequeno texto adaptado sobre preconceito, discriminação e hierarquias sociais. Fizemos uma leitura coletiva do texto abaixo:

“A diversidade é um fato em nossa sociedade, somos plurais e diferentes. O problema é que algumas diferenças, e não todas, ganham um certo destaque e a partir delas criam-se hierarquias. Ter um furo no queixo, por exemplo, é uma característica que algumas pessoas tem, mas essa diferença passa batido para a maior parte da sociedade e não afeta a vida das pessoas. Outras características, como a cor da pele ou a sexualidade, por exemplo, não possuem o mesmo tratamento. Ser homossexual ou ser negro é apontado como uma diferença que não pode ser tolerada, a partir dessa diferença cria-se uma hierarquia onde ser homossexual ou ser negro é inferior a quem “não possui a diferença”, no caso, pessoas heterossexuais ou brancas. Processos sociais onde certas diferenças são hierarquizadas causando violência, humilhação, negação de direitos.” (COACCI, 2015).

Muitas vezes não prestamos atenção em nós mesmos quando buscamos um espaço no mundo. Temos medo de não termos este lugar, medo do olhar do outro sobre nós e, por isso, tomamos atitudes que não levam em consideração o outro, que também está lutando por um lugar. Passamos por cima, empurramos, boicotamos, na maior parte das vezes, sem perceber

como agimos. Como podemos buscar o caminho com maior segurança, percebendo quem está ao meu lado e pode me ajudar? Sabemos das diferenças de oportunidade que são oferecidas às diferentes raças/etnias/gêneros que compõem a população brasileira. Será que temos pensado sobre as desigualdades e a falta de justiça? Que para muitos de nós, as pessoas que vivem marginalizadas passam despercebidas, quase invisíveis? Que sentimentos podem surgir com esta exclusão?

Após a leitura do texto foi dada oportunidade para que os participantes falassem sobre ele e alguns conceitos, sendo que eles questionaram sobre o que seriam hierarquias. Um colega respondeu que “são os que mandam em alguém, de quem é o poder de mandar, quem está acima de quem em todos os setores, na família, na igreja”; outra participante completou que “era ‘tradição’ ser assim, mas que não tinha que ser assim, apesar de acabarmos fazendo do mesmo jeito que fazem conosco”. Citaram que já viram muitas pessoas serem isoladas dentro da escola só por serem diferentes do grupo e que nunca pararam pra pensar no que esta pessoa estava sentindo, seria como se ela nem estivesse ali ou ainda não queriam que ela estivesse ali. Mas também relataram que quando a diferença era orientação sexual eles percebiam e faziam questão de cobrar mudanças para que o diferente pudesse estar no grupo senão não faria parte.

Na avaliação desta oficina⁴, pedimos para que ela fosse realizada em duplas.

Os participantes afirmaram gostar da maioria das atividades desenvolvidas. A grande maioria gostou da oficina e sua temática e relataram que conseguiram entender facilmente com as discussões e explicações em geral. Três participantes se sentiram constrangidos com o tema e tiveram dificuldades em expressar suas opiniões sobre o mesmo, se sentiram com vergonha.

4.1.4 Oficina Discriminação do aluno e aluna LGBT – oficina 3

Oficina realizada no dia 02 de dezembro de 2015, tendo como objetivos promover discussão e reflexão sobre preconceito e discriminação do aluno e aluna LGBT no ambiente escolar, perceber a realidade do outro e de que somos diferentes uns dos outros.

⁴ Avaliação da oficina – Anexo 1

Nesta oficina os mediadores/ facilitadores foram Jane Lúcia, Marcos Antônio e Marilza Delfina.

Como recursos materiais tivemos: aparelho de som, cd com música alegre, pincéis, fita adesiva, durex colorido, papel pardo, papel A4.

Iniciamos a oficina com a integração troca-troca. O grupo foi dividido em 02 subgrupos. Pedimos aos participantes para tirarem seus sapatos e colocarem no centro da sala. Ao sinal do mediador todos deveriam colocar os sapatos novamente o mais rápido possível. Pedimos alguém para cronometrar o tempo de cada grupo. Observamos que nenhum grupo prestou muito atenção em relação ao tempo. Quando questionados sobre qual grupo terminou primeiro eles não tiveram como avaliar o resultado. Novamente os sapatos foram colocados no centro da sala e foram distribuídos pelo mediador da atividade aleatoriamente aos participantes de modo que ninguém ficou com os seus próprios sapatos, alguns ficaram até com dois sapatos para o mesmo pé. Ao sinal do mediador todos colocaram os sapatos dos colegas e deram uma volta pela sala. Para a reflexão sobre a atividade os participantes foram questionados sobre se seria fácil encontrar os próprios sapatos, como foi calçar o sapato do colega, se alguém não conseguiu colocar o sapato do colega, no dia a dia seria fácil nos colocar no lugar do outro, e nós fazemos isso?

No primeiro momento relataram ser difícil retirar os seus sapatos, mas colocá-los de volta não era tão difícil assim, mas quando foram colocar e andar com o sapato do outro era muito mais demorado até porque nem sempre queriam o sapato do outro. Um participante não conseguiu colocar o sapato do outro, se sentiu muito incomodado, não era seu número, não gostava da aparência do sapato, ficou com ele na mão e quis logo descartá-lo. Relataram ser muito difícil se colocar no lugar do outro, seria mais fácil ignorá-lo, deixar de lado. Também falaram que até poderiam usar o sapato do outro, mas eles gostariam de escolher qual sapato usar. Também falaram que dificilmente nos lembramos de nos colocar no lugar do outro.

Em seguida, os participantes foram divididos em grupos de 04 ou 05. Explicamos que cada grupo seria uma agência de publicidade e que disputariam uma concorrência para fazer uma grande campanha. Informamos que a entidade promotora da campanha realizaria uma votação entre as propostas concorrentes a partir de cartazes elaborados pelas agências. Avisamos que o tema da campanha seria a necessidade das pessoas se respeitarem para melhorar a convivência, eles teriam 30 min para se prepararem e apresentarem um cartaz com uma frase e um desenho desta campanha. Ao final do tempo cada grupo apresentou sua proposta.

Na apresentação dos cartazes tivemos em um grupo a frase “A diferença do outro não é motivo para desrespeito”, tendo como desenho uma pessoa cadeirante pedindo ajuda e uma pessoa se escondendo atrás de uma árvore respondendo que não era empregada dela. Em outro grupo utilizaram a frase “Tenha um bom respeito para uma convivência melhor”, como imagem utilizaram mãos coloridas de várias cores. Outro grupo usou a frase “O respeito é a essência da convivência”, a imagem de duas mãos, uma branca e outra de cor preta segurando um coração, outro grupo utilizou a frase “As revistas, as revoltas, as conquistas da juventude são heranças, são motivos para mudanças de atividades. Os discos, as danças, os riscos da juventude esperando que o tempo mude.” como imagem várias mãos em preto e branco. Apareceram também as frases: “Respeito é a base da felicidade”, “o respeito é a base de todos trabalhadores, o respeito é a base de toda convivência”, “respeite a diferença para que suas qualidades sejam notadas, e assim teremos um mundo melhor”, “Respeite para ser respeitado. Não julgue para não ser julgado. Somos diferentes mas isso não nos torna melhor que os outros. Temos que ter compaixão para sermos compaixoados.” Sendo que estes 04 grupos não fizeram a imagem.

Durante a apresentação desta primeira parte do cartaz os participantes mostraram os cartazes e a ideia principal dos mesmos para que depois fosse eleito o melhor cartaz. Observaram os cartazes, mas questionaram o sentido da frase do grupo que falou sobre juventude. Queriam saber sobre a relação com respeito e convivência, o grupo respondeu que os jovens não são respeitados, mas que esperavam que isso mudasse.

Após todos os grupos se apresentarem, chamamos um representante de cada grupo e avisamos que o grupo teria apenas mais 15 min para reformular o cartaz, não podendo ser feito um novo cartaz, apenas ser acrescentada uma nova frase no início ou no final da proposta inicial. Informamos que a nova proposta deveria falar sobre o respeito aos alunos e alunas lésbica, gay, bissexual, travesti, transexual ou transgênero e sobre a necessidade de acabar com o preconceito. Após 15 min os grupos fizeram a reapresentação dos cartazes, a partir dos quais refletimos sobre cada frase e imagem exposta pelo grupo em relação ao respeito ao aluno e aluna lésbica, gay, bissexual, travesti, transexual ou transgênero.

Na reapresentação dos cartazes as frases foram alteradas para “Não julgue as pessoas pelo que pensa que são mas pelo que são”, “Sempre respeitar a sexualidade dos outros porque eles não são melhor e nem pior do que ninguém”, “O direito de escolha é de cada um e respeitar essa escolha é dever de todos. A escolha deve ser em primeiro lugar. O aluno homossexual tem que ter

seu respeito.”, “ Não importa a sexualidade para ser feliz. Respeito é bom e todo mundo gosta.” “Somos iguais e não irracionais. Respeita os homossexuais”, “ Homossexual não significa não ser humano, respeito é a base da felicidade.”, “Diga não ao preconceito, pois não devemos julgar as decisões dos outros. Todas as formas de amor devem ser aceitas, achou ruim não é o seu preconceito que mudará a opinião de ninguém.”, “Respeitar os LGBT porque os trem é deles. Eles dá ou come na hora que eles quiser.”

Quando analisamos as mudanças das frases, coletivamente refletimos sobre o porquê as frases mudaram tanto em relação ao respeito e à convivência com os alunos e alunas LGBT, sobre o significado de cada frase e também sobre se ser homossexual, bi ou transexual é uma escolha ou não. Refletimos ainda sobre a existência de preconceito, quais eram os preconceitos e o porquê deles. Pedimos para que os participantes relatassem se eles já haviam presenciado alguém ou se eles mesmos sofreram discriminação por causa da orientação sexual.

Responderam que quando a atração sexual é por pessoa do mesmo sexo a situação fica difícil; a cobrança é feita pela sociedade como um todo. A grande maioria se afasta da pessoa que tem aparência homossexual. A própria pessoa não se acha normal, tem vergonha. Existem pessoas que consideram o gay uma pessoa doente, indecente. Existem ainda pessoas que se juntam formando grupos racistas e intolerantes que praticam atos de violência que podem até levar à morte. Sobre o porque disso responderam que os preconceitos que muitos homossexuais experimentam é porque amam diferente. Relataram que na escola já viram vários colegas serem apelidados de mulherzinha, gays, serem motivo de piadas e ainda serem ameaçados de tomar uma surra para “virar homem”. Um aluno disse que durante toda sua infância as pessoas o achavam diferente e ele se sentia também diferente, mas para se defender sempre agredia as pessoas com palavras e até agressão física. Disse que pensava que ninguém tinha nada com isso se era diferente, mas tinha medo que alguém contasse para sua mãe, e por isso se sentia infeliz. Em um grupo um participante disse que não suporta nem a ideia de conviver com gays, que sabe que tem que melhorar isso, mas a vontade é de acabar com eles. Quando questionado sobre esse sentimento e de onde teria surgido isso relatou que desde pequeno o pai falava que ele tinha que ser macho e não deveria aceitar esse negócio de gay, “gay tem que morrer”. Em relação a cada atitude citada pelos alunos, percebemos que a escola não realiza nenhuma ação institucional para que as desigualdades diminuam, se em algum momento são relatadas à direção os alunos são

chamados para uma conversa, mas sem envolvimento e contribuição de outras opiniões, uma conversa que muitas vezes expõem a discriminação velada.

“Ao que tudo indica, a escola, que poderia e deveria contribuir para modificar as mentalidades antidiscriminatórias ou pelo menos para inibir as ações discriminatórias, acaba contribuindo para a perpetuação das discriminações, seja por atuação direta de seus agentes, seja por omissão perante os conteúdos didáticos que veicula, ou pelo que ocorre no di-a-dia da sala de aula.” (PINTO,1993, p. 27).

Também falaram ser muito bom ter espaços para discutir o tema da oficina e os sentimentos que envolvem a discriminação que sofrem, pois puderam ouvir opiniões diferentes e até entender as atitudes de alguns colegas tanto de agressividade, quanto de defesa e talvez não fossem mudar a partir dali mas iriam pensar como o colega se sentiria com suas atitudes.

Também citamos a frase do cantor brasileiro Gilberto Gil “ninguém precisa gostar dos homossexuais, mas tem que respeitar”. Questionamos o grupo sobre o que achavam desta afirmação. Responderam que o respeito é um direito de todos, independentemente de sua orientação sexual.

Foi exposto ao grupo que quando falamos que a “sociedade faz” também estamos incluídos nela e que transformar a sociedade significa nos transformar também. É muito importante que todos nos posicionemos contra o preconceito e que aprendamos a conviver com a diferença. Ter um comportamento que foge dos padrões heterossexistas é motivo para muito falatório em todo lugar, inclusive nas escolas. Por mais engraçada que seja uma piada sobre homossexuais, a gente tem que perceber que, ao passá-la adiante, estamos colaborando para reforçar o preconceito e o estereótipo expressos na piada. Essa é uma forma que muitas pessoas encontram para se defender do que consideram uma ameaça, uma coisa fora do normal (heterossexual). Risadinhas e trocas de olhares maliciosos – ainda que de forma involuntária e inconsciente – fazem parte do repertório do preconceito contra homossexuais e que tudo isso pode mudar, mas depende de querermos.

Esta oficina teve como pontos positivos a participação em cada reflexão, a exposição e reflexão sobre os cartazes por todos os participantes. A reflexão sobre o respeito aos alunos e alunas lésbicas, gays, bissexuais ou transgêneros para favorecer a boa convivência.

Como ponto negativo, o fato da avaliação escrita ter sido realizada no dia seguinte, pois o tempo não foi suficiente para realizá-la no mesmo dia.

Na avaliação individual⁵ relataram gostar muito de fazer a atividade do cartaz e expor suas ideias sobre ter uma boa convivência e o respeito a diversidade sexual. Puderam colocar em desenhos o que pensam com a contribuição dos outros do grupo.

4.1.5 Oficina Homofobia – oficina 4

A quarta oficina foi realizada no dia 08/12/2015, com a temática homofobia. Teve como objetivos: promover discussão e reflexão sobre estereótipos de gênero, orientação sexual e homofobia.

Foi realizada pelos facilitadores/mediadores Jane Lúcia, Marcos Antônio, Marilza Delfina. Utilizamos como recursos materiais: aparelho de som, cd com música alegre, pincéis, fita adesiva, durex colorido, papel pardo.

Iniciamos a oficina com a técnica de integração “Concordo ou Discordo”. Pedimos para o grupo ficar de pé no centro da sala, em fila indiana. Explicamos que seria lida uma série de afirmativas e que cada participante deveria se posicionar à direita ou à esquerda, conforme sua escolha (concordo ou discordo). A cada afirmativa alguns deveriam explicar seu posicionamento. Esclarecemos que cada afirmativa seria lida duas vezes e que cada um deveria tomar sua posição sem trocar ideias com os/as outros/as participantes.

Frases lidas durante a atividade:

- Cor azul é de menino e cor rosa é de menina.
- Os homossexuais são pessoas com problema de cabeça, nasceram doentes.
- Todos têm direitos iguais, seja homem ou mulher.
- Lugar de mulher é na cozinha.
- Homem não chora.
- LGBT tem que morrer, assim acaba com o problema.
- A responsabilidade de cuidar da casa e dos filhos é da mulher.
- Menina não senta de perna aberta.
- Ser motorista de caminhão é trabalho de homem.

⁵ Avaliação individual – Anexo 1

- Homem que se depila é gay.
- Ser machista é normal.
- Todo cabeleireiro é gay.
- Menino brinca de carrinho e menina de boneca.
- Mulher que joga futebol é sapatão.
- Tanto homens quanto mulheres podem cuidar dos doentes.

Os participantes foram estimulados a debater sobre as opiniões diferentes e a desconstrução dos estereótipos a cada frase lida. Em determinado momento quando uma participante se posicionou diferente de todo o grupo os outros tentaram convencê-la a mudar de opinião, alguns tinham a mesma opinião, mas não se posicionaram e ficaram no final da fila resmungando. Também demonstraram opiniões através de expressões faciais e de negativas, mas acabaram ficando com a maioria até chegar em alguma frase que incomodou muito.

Após o término da atividade realizamos uma reflexão sobre a mesma na qual questionamos sobre: como se sentiram durante a atividade? Foi fácil ou difícil tomar uma posição? Alguém ficou sozinho ou em minoria? Como se sentiu quem ficou sozinho? Como a maioria reagiu, como viu a pessoa que estava sozinha? Houve muitas discordâncias e quais seriam as razões das discordâncias? Todas as afirmativas eram declarações de fato ou havia declarações de opinião? Como se formam nossas opiniões, valores e pontos de vista? O que esta atividade nos mostra em relação à sexualidade e a homofobia?

Alguns relataram que não tiveram dificuldades em opinar sobre cada frase, na maioria das vezes o grupo teve a mesma opinião, mas em um dado momento quando a frase lida foi “Os homossexuais são pessoas com problema de cabeça, nasceram doentes”, somente uma pessoa concordou com a frase, isso os incomodou e tentaram fazer a cabeça da pessoa para mudar de opinião. A mesma disse respeitar mas que não era “normal” as pessoas serem homossexuais. Os colegas tentaram convencê-la. Como defesa disseram que depois das oficinas sobre a homossexualidade no projeto como ela ainda pensava assim? E ela firmemente respondeu vocês tem que respeitar minha opinião.

Sobre as afirmativas disseram que não eram todas fatos, mas algumas eram opiniões e que nossas opiniões se formam a partir do que acreditamos ou é passado para nós em relação à sexualidade e homofobia, que na maioria das vezes aceitamos opiniões de outros como fatos e não fazemos nada pra mudar isso.

Explicamos ao grupo a diferença entre declaração de fato – pode ser confirmada ou contestada por conhecimentos científicos verificáveis – e uma declaração de opinião – envolve julgamentos com base em valores pessoais e culturais. Falamos da importância da distinção entre fatos e opiniões. Muitas vezes tomamos como fato o que na verdade é apenas uma opinião e muitas “verdades” correntes não passam de mitos, criações fictícias ou preconceitos.

Convidamos 06 participantes para saírem da sala e voltarem encenando os seguintes papéis:

- 1- Mulher bissexual
- 2- Homem homossexual
- 3- Mulher heterossexual
- 4- Homem heterossexual
- 5- Mulher homossexual
- 6- Homem bissexual

Os participantes registraram em um papel, sem comentar com os outros, o que os voluntários demonstraram. Após a apresentação de todos os voluntários, o grupo revelou qual o papel que imaginaram ser de cada um. Quando eles descobriram o papel desempenhado questionamos o que os fizeram pensar assim, responderam que era pelo jeito de agir, os desejos que cada um demonstrou, para quem insinuaram querer ter um relacionamento e quando não descobriram era porque um dos voluntários que era heterossexual pegou na mão de homem e de mulher e parecia que queria ter relacionamento com os dois. Refletimos neste momento sobre os estereótipos culturalmente construídos.

Após a atividade questionamos o grupo sobre o que é orientação sexual, quais os diferentes tipos de orientação sexual, a existência de algum tipo de preconceito em relação às pessoas que não são heterossexuais na escola, quais seriam e por que isto acontece. Como resposta, tivemos que orientação sexual é quando alguém nos fala o que é certo ou errado em relação à sexualidade, ser homem ou mulher, muitos tinham dúvidas. Disseram ainda que existe muito preconceito, um deles é a homofobia, muitas pessoas querem que estas pessoas mudem pra estar no grupo. Alguns não souberam explicar o porquê disso acontecer, mas um participante disse que era por cobrança de outros, se você ficasse perto de pessoas assim (lésbica, gay, bissexual ou transexual) elas fariam você virar também. Muitos partem da ideia que ser lésbica,

gay ou bissexual seria um desvio ou algo contagioso. Outro participante disse ser uma construção da sociedade (cultural).

Apresentamos alguns slides sobre definições e tipos de orientação sexual. Estes slides foram acrescentados a oficina a pedidos dos participantes em outras oficinas. Tiveram uma grande curiosidade em saber quais eram as diferenças em cada nomenclatura dada hoje aos tipos de orientações sexuais.

Fechamos a atividade lembrando os alunos que qualquer que seja a orientação de uma pessoa ela deve ser respeitada.

Realizamos a leitura coletiva do texto “No país de Blowmink”, de Cláudio Picazio⁶.

Pedimos para que refletissem e discutissem no grupo sobre orientação sexual e homofobia baseado no texto.

Questionamos sobre o que sentiram e pensaram durante a leitura da história. O que acontece com as pessoas que manifestam desejos e comportamento sexuais considerados fora dos padrões? De que forma a escola lida com estas situações? E as unidades de saúde, assistência social e igrejas? O que as personagens da história poderiam fazer para viverem melhor com os pais, amigos e com a sociedade em geral? O que podemos fazer para que as pessoas como as personagens vivam melhor e não sejam discriminadas? Que princípios de convivência adotar frente à orientação sexual do desejo das pessoas?

Durante a leitura alguns já questionavam a existência de um lugar assim, relataram que, no texto, é feito tudo ao contrário do que acontece e que nunca imaginaram como seria se o que eles acreditavam ser o certo fosse cobrado como errado, mas que se sentiriam muito mal. Falaram sobre as pessoas que manifestam desejos considerados fora dos padrões e são excluídas, discriminadas e vítimas de preconceito. Na escola, igrejas e outras associações não é diferente, estes alunos e alunas sofrem do mesmo jeito, às vezes são até expulsos pois o comportamento deles não é aceito ali, considerado como de menor valor. Para viver melhor a regra é ter o respeito como base de convivência.

Após a reflexão sobre o texto realizaram a avaliação da oficina⁷ em grupos de 03 participantes. Na avaliação um número significativo nos pediu para refletirmos mais sobre estas

⁶ Texto no Anexo 3

⁷ Avaliação da oficina – Anexo 1

temáticas, que sentiram falta de alguns colegas, pois com o problema da falta de água na cidade alguns faltaram. Também pediram para que fossem realizadas em outras turmas.

Como pontos positivos nesta oficina tivemos a participação na técnica do “Concordo e Discordo”, o debate a cada frase, o posicionamento de cada um com suas justificativas e a comparação de como fazemos estas negociações no dia a dia.

4.1.6 Oficina Direitos humanos e direitos sexuais e reprodutivos – oficina 5

A quinta oficina foi realizada no dia 10/12/2015, teve como objetivos refletir sobre o sentido e a origem do que entendemos por direito, compreender os direitos como construções históricas, conhecer o conteúdo básico da Declaração Universal dos Direitos Humanos e dos Direitos Sexuais e Reprodutivos, bem como compreender as diferentes formas de violência como desrespeito aos direitos.

Os facilitadores/mediadores da oficina foram Jane Lúcia, Marcos Antônio, Marilza Delfina, com a contribuição das professoras Meirivam, de português e Zuneide, de geografia. Os recursos materiais utilizados foram aparelho de som, cd com música alegre, pincéis, fita adesiva, durex colorido, giz, papel pardo, papel A4, slides com resumo da Declaração Universal dos Direitos Humanos e dos Direitos Sexuais e Reprodutivos, e charges.

Iniciamos a oficina com técnica de integração de massagem no colega com música alegre com mudança de ritmos. Pedimos para que formassem 04 filas com espaço onde pudessem tocar os ombros do colega da frente. As filas deveriam ter o mesmo tamanho. Ao som da música e sob comando do mediador, os participantes tocaram o corpo uns dos outros com as mãos fechadas e no ritmo da música. À medida que a atividade foi sendo realizada pedimos para que mudassem as posições na fila, assim, quem estava sendo massageado passava a massagear também. Pedimos para que observassem o mediador e tentassem não conversar, mas muitos ficaram agitados. Ao final da música refletimos sobre como se sentiram. Disseram se sentir muito bem, alegres, que no começo é difícil admitir que o outro tocará no corpo deles, tanto que alguns não se deixaram tocar, mesmo que fosse no ombro. Outra observação foi que quando pedimos para formarem as filas fizeram filas só com meninos ou só com meninas, mas quando viram que iriam se tocar

quiseram mudar de lugar. Quando foram questionados sobre esta atitude os meninos disseram que não deixariam que outro menino lhes tocassem e ainda mais que tinham outras pessoas vendo, já as meninas mudaram de lugar quando perceberam que havia um menino atrás que iria lhe tocar e disseram que na frente de todos era ruim. Mas com a mudança de posições durante a técnica disseram perceber que não era tão ruim assim este toque se ele fosse realizado com respeito e carinho.

Organizamos o grupo em duas rodas, uma dentro da outra, as pessoas da roda de dentro ficaram de frente para as da roda de fora, formando pares. Combinamos com o grupo que quando fosse dita a palavra circular as duas rodas girariam para direita; quando fosse dita a palavra parar, as duas rodas parariam e as pessoas da roda de fora ou de dentro, conforme as instruções do mediador, responderiam uma pergunta que seria feita em voz alta. Ressaltamos que o grupo que estivesse ouvindo só poderia fazer perguntas de esclarecimento, não poderia opinar sobre a resposta de seu par.

Perguntas feitas ao grupo durante a técnica:

- O que é um direito?
- Por que os seres humanos estabelecem direitos?
- Quem define os direitos?
- Quem tem direito a ter direito?
- Se todo mundo tem direitos, de quem são os deveres?
- O que faz um direito valer de fato como direito, isto é, ser respeitado?
- Quem é responsável por garantir os direitos das pessoas?
- É possível viver em grupo sem estabelecer direitos?
- Quais são os direitos dos adolescentes?
- Uma pessoa sozinha pode garantir o respeito pelos direitos?
- Os adolescentes têm deveres?
- Por que será que não existe uma Declaração Universal dos Deveres Humanos?

Sentados em círculo pedimos para que os participantes comentassem as perguntas e respostas que ouviram ou deram. Tiveram dificuldade em definir o que era um direito, então, incentivados, disseram ser as coisas que podemos fazer ou que queremos, mas disseram saber que utilizamos os direitos para viver em sociedade. Não sabiam quem poderia fazer os direitos valer e nem quem os escrevia, mas quando questionados sobre onde estes direitos estavam escritos

responderam ser nas leis. Uma vez questionados sobre quem escrevem estas leis responderam ser os políticos. Sobre quem tem direito a ter direitos responderam que todos tem direito, sem separação, porém, algumas leis garantiam direitos só para alguns grupos. Quiseram saber por que assim acontecia.

Lembramos ao grupo que o conceito de direito e sua distribuição entre as pessoas e grupos é uma construção humana, histórica, socialmente construída e pode variar no tempo, no espaço e entre as culturas. Demos como exemplo a escravidão, que até o séc. XIX não era considerada crime porque se acreditava que os negros não eram iguais aos brancos, portanto, era “natural” que não tivessem os mesmos direitos. Em muitos países, ainda hoje se considera que as mulheres não podem ter os mesmos direitos que os homens. Depois da Declaração Universal dos Direitos Humanos, de 1948, muitos outros tratados internacionais de Direitos Humanos foram estabelecidos para garantir a igualdade. À medida que o direito a ter direitos foi sendo ampliado, mais situações passaram a ser consideradas desrespeito aos direitos, portanto, formas de violência.

Apresentamos para o grupo, através de slides, um resumo da Declaração Universal dos Direitos Humanos e propusemos uma análise coletiva de algumas charges⁸ que denunciavam o desrespeito aos direitos humanos.

Na charge 01, perceberam a violação do direito das mulheres de participarem da política, direitos de gênero. Na charge 02, visualizaram políticos, diferenciados no meio da imagem, bem-vestidos, gordinhos, um grupo bem pequeno em relação à multidão representada, dando a falsa impressão de proteção da Declaração Universal dos Direitos Humanos(DUDH), mas na verdade impedindo o acesso das pessoas à DUDH. Retrataram ainda o pouco respeito de alguns pela Declaração Universal dos Direitos Humanos, a desigualdade de direitos entre indivíduos e nações, o desrespeito a um dos direitos básicos do homem: a alimentação, a morte que ronda a massa de famintos. Na charge 03, lembraram da violação do direito da mulher de descansar depois de um dia de trabalho. Na charge 04 relataram ocorrer a violação do direito à qualidade de vida e do meio ambiente, violação essa feita pelo empregador/dono da terra. Na charge 05 disseram ocorrer a violação do direito à livre orientação e identidade sexual. Disseram que a imagem retratava a homofobia.

⁸ Charges apresentadas no anexo 2

Finalizamos a oficina com uma exposição dialogada sobre a evolução histórica dos direitos humanos, mostrando os principais tratados internacionais relacionados à construção dos direitos. Chamamos a atenção do grupo para os direitos reconhecidos na Constituição Brasileira e que são reconhecidos internacionalmente (artigo 01 e 03) e os direitos sexuais e reprodutivos.

A avaliação final foi feita em plenária. Disseram nunca terem se perguntado sobre os direitos e deveres dos adolescentes, sabiam que existiam, mas onde encontrá-los? A oficina os fez refletir sobre quem escolhemos nos representar para garantir os direitos. Relataram que com a oficina conheceram direitos que não sabiam que existiam e algumas violações de direitos que não são percebidas. Gostaram muito de observar as charges e reconhecerem algumas violações pois antes nem paravam para refletir o que representava cada imagem.

4.2 Avaliação

No dia 17/12/15 nos reunimos com dois representantes dos alunos, professores colaboradores e gestores para avaliarmos o projeto. Iniciamos discutindo sobre os objetivos do projeto e a opinião sobre o que conseguimos realizar. Disseram que não houve dificuldades na formação dos grupos de adolescentes que participaram, mas que gostariam que outras turmas também participassem, sugestão dada pelos alunos. Na identificação dos problemas relacionados à discriminação aos alunos e alunas LGBT que podem ocorrer na escola os alunos relataram que para eles era muito visível, já os professores disseram que entre os profissionais a discriminação acontecia de forma velada. Sobre as temáticas das oficinas “diferença e desigualdade na produção de hierarquias sexuais e de gênero, homofobia, discriminação e direitos sexuais e reprodutivos”, concordaram que foram muito boas, mas que ainda gostariam de discutir outros temas, também ligados à diversidade na escola. Quanto ao número de oficinas gostariam que fossem mais, talvez duas vezes por mês, o ano todo. O grupo avaliou o projeto como sendo um importante espaço para enfrentamento da discriminação da pessoa lésbica, gay, bissexual, travesti, transexual ou transgênero. Perceberam que mesmo durante um período de duas semanas, no qual a cidade foi atingida pela lama no Rio Doce e ficou sem abastecimento de água, os alunos iam à escola para participar do projeto.

5 CONCLUSÕES

Analisando as atividades realizadas durante o presente projeto a contribuição dos alunos foi primordial. Nos revelou que o tempo foi curto, porém nos deu a oportunidade de perceber atitudes e valores discriminatórios e preconceituosos dentro da escola em relação aos alunos e alunas lésbica, gay, bissexual, travesti, transexual ou transgênero. E que mesmo sendo velada, a discriminação leva a situações de constrangimento, agressões físicas e verbais. A grande maioria das vítimas são os alunos, mas também existem práticas preconceituosas em relação aos profissionais da educação, a ponto de um professor pedir para que os colegas não comentassem que ele era gay.

Realizar mudanças num ambiente onde percebemos preconceitos e discriminação só é possível a longo prazo, mas devemos abrir mais espaços de discussão nos quais alunos e alunas teriam oportunidades para expor suas ideias, pensamentos, questionamentos e opiniões. Nestes espaços objetiva-se levar informações através de atividades que visem mudança nos conceitos e valores dos atores educacionais em relação às práticas discriminatórias. Mesmo que a escola não esteja preparada para enfrentar tais práticas ou discussões, existe a possibilidade que a escola escute as diferenças como Paulo Freire (1996, p. 135) nos remete:

“Escutar (...) significa a disponibilidade permanente por parte do sujeito que escuta para a abertura à fala do outro, ao gesto do outro, às diferenças do outro...”

Repensar as ações escolares requer envolvimento de toda a comunidade escolar onde as ações sejam planejadas para que ocorra o enfrentamento da discriminação perpetuada dentro deste espaço. Para Lopes (2005, p. 189):

A escola, como parte integrante dessa sociedade que se sabe preconceituosa e discriminadora, mas que reconhece que é hora de mudar, está comprometida com essa necessidade de mudança e precisa ser um espaço de aprendizagem onde as transformações devem começar a ocorrer de modo planejado e realizado coletivamente por todos os envolvidos, de modo consciente. [...]

Durante as atividades realizadas no projeto percebemos a preocupação dos gestores e professores na capacitação e formação dos profissionais, bem como, na continuidade das discussões sobre diversidade na escola.

Em algumas avaliações os alunos e alunas sugeriram realizar as oficinas com as outras turmas também dando oportunidade a outros de participarem. Este fato nos indica que podemos repensar uma maneira de um planejamento juntamente com a comunidade escolar de novas ações de enfrentamento à discriminação dentro da escola, incluindo outros participantes alunos e alunas, além de profissionais e família.

Sobre as temáticas sentimos que 05 alunos se sentiram constrangidos, mas mesmo assim conseguiram participar de algumas atividades, e dentre estes somente uma aluna demonstrava verdadeira aversão em relação à temática sexualidade. Um aluno, mesmo demonstrando não aceitar os indivíduos gays disse saber a necessidade de mudar. À medida que realizamos as oficinas notamos a vontade de muitos continuarem discutindo sobre os temas do projeto, mas também de outros temas ligados a diversidade dentro da escola. Percebemos que a oficina funcionou como espaço de discussão favorecendo novas aprendizagens, construídas no coletivo envolvendo os participantes mesmo que não de forma integral, nas formas de pensar, sentir e agir.

Em uma técnica percebemos o quanto os participantes queriam influenciar a opinião dos que se mostravam contrários à maioria, também percebemos o medo de alguns demonstrarem sua opinião indo com a maioria mesmo não sendo sua opinião. Em outro momento foi possível observar o incômodo de receber algo que não gostariam de ser ou ter. Nestes momentos das oficinas tivemos a oportunidade de fazer uma leitura crítica do que estava acontecendo e a cada resposta foram feitas novas perguntas para que os próprios adolescentes tivessem a oportunidade de exporem suas opiniões de soluções. Que segundo Abduch(1999): “Aprender em grupo significa uma leitura crítica da realidade, uma apropriação ativa desta realidade. Uma atitude investigativa, na qual cada resposta obtida se transforma, imediatamente, numa nova pergunta.”

Percebemos que os participantes inicialmente tinham dificuldade em participar das discussões levantadas em cada oficina, mas com o passar do tempo começaram a interagir mais com os outros e também a expor suas ideias com maior frequência.

Este projeto nos fez refletir sobre a utilização de oficinas no enfrentamento à discriminação dentro da escola e, mais especificamente, aos alunos e alunas LGBT, ampliando

nossos conhecimentos de práticas que minimizem seus reflexos. Não temos como pretensão ser a oficina o único meio para isto, mas que trata-se de uma forma produtiva de desconstrução de “verdades” e paradigmas que perpetuam desigualdades e exclusões.

REFERÊNCIAS

- AFONSO, L. **Oficinas em dinâmica de grupo: um método de intervenção psicossocial**. Belo Horizonte: Edições do Campo Social, 2002. p. 11-59.
- AMARAL, M. A. et al. **Oficinas de sexualidade: uma abordagem ampliada para se trabalhar com adolescentes**. Belo Horizonte: Anais do 8º Encontro de Extensão da UFMG. Belo Horizonte: UFMG, 2005.
- ABDUCH, C. **Grupos operativos com adolescentes**. Cadernos Juventude, Saúde e Desenvolvimento. Ministério da Saúde Secretaria de Políticas de Saúde. Área de Saúde do Adolescente e do Jovem. Volume 1. Brasília: 1999. Cap. 29, p. 289-299.
- BRASIL, Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Senado. 1988. 168p.
- CARRARA, Sérgio; LACERDA, Paula. **Viver sob ameaça: preconceito, discriminação e violência homofóbica no Brasil**. In: Gustavo Venturi; Vilma Bokany. (Org.). *Diversidade Sexual e Homofobia no Brasil*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo. 2011.
- COACI, Thiago. **Oficinas Tcc**. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por jane Freitas Rocha@hotmail.com em 02 de novembro de 2015.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra. 1996. p. 135.
- FOUCAULT, M.. **Vigiar e punir**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.
- JUNQUEIRA, Rogério Diniz. **Currículo heteronormativo e cotidiano escolar homofóbico**. In: Espaço do currículo, v.2, n.2, pp.208-230, Setembro de 2009 a Março de 2010

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. **O reconhecimento da diversidade sexual e a problematização da homofobia no contexto escolar.** In: RIBEIRO, P. R. C. et al (Orgs.). Corpo, Gênero e Sexualidade: discutindo práticas educativas. Rio Grande: Editora da FURG, 2007, p. 59-69.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. **Homofobia nas escolas: um problema de todos.** In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz(Org.). Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009, p. 13-51.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. **“A homofobia não é um problema. Aqui não há gays nem lésbicas!”.** Estratégias discursivas e estados de negação da discriminação por Orientação sexual e identidade de gênero nas escolas. Revista de Psicologia da Unesp, v.9, n.1, 2010, p. 123-139.

LIONÇO, Tatiana; DINIZ, Debora. (Org.).**Homofobia e Educação: Um desafio ao silêncio.** In: GDE: Especialização Gênero e diversidade na escola, UFMG, 2015. BH – MG. Acessível em: <http://moodle.gdeufmg.com.br/mod/resource/view.php?id=345>. Acessado em 27 de junho de 2015.

LOPES, Vera Neusa. **Racismo, preconceito e discriminação.** In: MUNANGA, Kabengele (Org.)/ Superando o racismo na escola. Brasília, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005, p. 185-200.

MAILHIOT, G. B. **Dinâmica e gênese dos grupos.** São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1991.

MANSUR, Maria Elisabete do Valle. **Diversidade sexual no espaço escolar sob o olhar de Michel Foucault.** Recorte da pesquisa de mestrado intitulada “Diversidade sexual em escolas públicas estaduais do Rio de Janeiro: vozes de professores(as)”, situa-se na Linha de Pesquisa Subjetividade, Cultura e História da Educação do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio), desenvolvida no Núcleo de Estudos e Pesquisas em História da Educação Brasileira (NEPHEB). Acessível em: http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada11/artigos/11/artigo_simposio_1_1_787_betemansur@gmail.com.pdf. Acessado em 01 de novembro de 2015.

MIRANDA, Tânia. **Brasil sem Homofobia.** Publicado no Jornal A Tarde. Fórum Baiano LGBT. s/d.

MOITA, G. **Essências e diferenças: minorias sexuais ou sexualidades (im)possíveis.** In Lígia Fonseca, Júlio Machado Vaz, Catarina Soares (Orgs.), A Sexologia-Perspectiva Multidisciplinar II. (pp.93 a 115). Coimbra: Quarteto. 2003.

PERES, Wiliam Siqueira. **Cenas de exclusões anunciadas: travestis, transexuais e transgêneros e a escola brasileira.** In: Junqueira, R. D. (Org.). *Diversidade Sexual na educação.* Brasília: MEC, Unesco. 2009. p. 235- 263.

PICAZIO, C. **Sexo secreto: temas polêmicos da sexualidade.** São Paulo: Summus, 1988. 136p.

PINTO, V. G. **Saúde Bucal Coletiva.** 4 ed. São Paulo, 2000. Cap. 10: Educação em saúde bucal. p.311-317.

PINTO, R. P. **Movimento negro e educação do negro: a ênfase na identidade.** Cadernos de Pesquisa. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1993.

PRADO, M. A. M.; JUNQUEIRA, R. D. **Homofobia, Hierarquização e Humilhação Social.** In: Gustavo Venturi; Vilma Bokany. (Org.). *Diversidade Sexual e Homofobia no Brasil.* São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo. 2011.

PRADO, M. A. M.; MARTINS, D. A.; ROCHA, L.T. **O litígio sobre o impensável: escola, gestão dos corpos, e homofobia institucional.** Bagoas, n°4, 2009, p. 209- 232. Acessível em: <http://www.fafich.ufmg.br/educacaoemhomofobia/TextosSite/Olitigiosobreimpensavel.pdf>. Acessado em 03 de julho de 2015.

RIOS, Roger Raupp. **A homossexualidade no direito.** Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2001. p.90- 91.

SERRA, A. S. L.; CANNON, L. R. C. **Pelo andar se faz o caminho! Uma proposta Metodológica de Educação em Saúde para Adolescentes.** Cadernos Juventude, Saúde e Desenvolvimento. Ministério da Saúde Secretaria de Políticas de Saúde. Área de Saúde do Adolescente e do Jovem. Vol. 1. Brasília: 1999. 28, p. 276-288.

VENTURA, M. **Direitos reprodutivos no Brasil.** São Paulo: Fundação Mac Arthur, 2002.

WELZER- LANG, D. **A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia.** Rev. Estud. Fem. vol.9 no.2 Florianópolis: 460-472, 2001

ANEXOS

Anexo 1 – Avaliação das oficinas

- 1- Em relação aos objetivos propostos, a oficina foi:
 muito adequada adequada pouco adequada inadequada
- 2- A respeito dos temas trabalhados, as minhas expectativas ficaram:
 satisfeitas relativamente satisfeitas insatisfeitas
- 3- Considero que, em geral que a dinâmica da oficina foi:
 agradável e interessante monótona e cansativa
- 4- Durante a oficina me senti:
 constrangido(a) à vontade outros sentimentos. Quais?

- 5- Os principais acertos foram

- 6- Os principais erros foram

- 7- Dê sugestões para a próxima oficina

- 8- Depoimento Pessoal



Figura 1: Charge 1 oficina 5

Fonte: <http://www.dhnet.org.br/dados/charges/index.html>. Acesso em 20 de setembro de 2015.

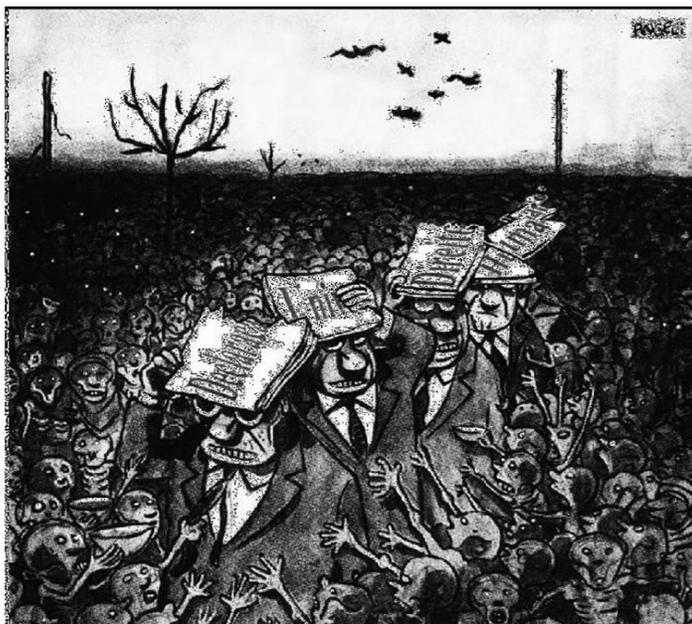


Figura 2: Charge 2 oficina 5

Fonte: <http://pt.slideshare.net/sumare/direitoshumanos-charge>. Acesso em 20 de setembro de 2015.



Figura 3: Charge 3 - oficina 5

Fonte: <http://www.argumento.com.br/arquivos/15agoportugues.pdf> Acesso em 20 de setembro de 2015.



Figura 4: Charge 4 oficina 5

Fonte: <http://www.dhnet.org.br/dados/charges/index.html>. Acesso em 20 de setembro de 2015.



Figura 5: Charge 5 oficina 5

Fonte: <https://catracalivre.com.br/geral/cidadania/indicacao/jornal-divulga-charge-homofobica-e-estimula-violencia-contra-populacao-lgbt/>. Acesso em 20 de setembro de 2015.

Anexo 3 – Texto oficina 4

No país de Blowmink

Cláudio Picazio⁹

Blowmink é um país onde se proíbe o relacionamento afetivo e sexual entre pessoas do sexo oposto. O homem não pode sentir desejo ou atração nem amar romanticamente uma mulher. E a mulher também não pode sentir desejos afetivo-sexuais por um homem. Os bebês são gerados em provetas e inseminados artificialmente, dando opções maiores aos pais sobre as características que poderão desenvolver. Existem pessoas que tentam quebrar as regras de Blowmink, relacionando-se com pessoas do sexo oposto ao seu, mas são excluídas da sociedade e vivem em guetos.

Ivan e Marina moravam em Blowmink e frequentavam a mesma escola. Um dia perceberam que algo estranho estava acontecendo entre eles. Tentaram disfarçar, mas foi

⁹ PICAZIO, C. Sexo secreto: temas polêmicos da sexualidade. São Paulo: Summus, 1988. 136p.

inevitável que acabassem conversando sobre o desejo que estavam sentindo um pelo outro. Sentiram-se muito angustiados, porque perceberam que eram diferentes das outras pessoas, seus pais não aprovariam e talvez fossem até expulsos da escola. Marina e Ivan tentaram não deixar que a atração se transformasse em atitude. Mas uma tarde, voltando para casa, não resistiram e, depois de se esconderem atrás de algumas árvores em um parque, beijaram-se apaixonadamente. Eles estavam próximos ao colégio onde estudavam. Os amigos de Ivan, que estavam jogando ali perto, viram a cena e ficaram horrorizados. Xingaram Ivan de “hetero” sujo e deram-lhe alguns pontapés. A direção da escola ficou sabendo e imediatamente os expulsou da instituição, para que não contaminassem os outros alunos.

Os dois pais de Ivan mandaram-no embora de casa, indignados. Marina teve mais sorte. Foi encaminhada para um psicoterapeuta, que explicou à família que os sentimentos de Marina por Ivan não eram doença, nem opção. Esclareceu que ela era normal, igual às outras mulheres, e que a diferença estava em quem ela desejava para amar. (...) Mesmo assim, as duas mães de Marina pediram que ela não se relacionasse mais com alguém do sexo oposto ao seu. Marina, mesmo sabendo que era normal e igual às outras pessoas, sentiu-se indignada por haver sido rejeitada só porque amava diferente, enquanto os amigos que a haviam agredido não tinham sofrido qualquer repressão.

Ivan tentou se relacionar com outros meninos, cumprindo o que era esperado pela sua família e pelas normas e valores de Blowmink. Resolveu não viver mais o seu desejo até que pudesse ser independente.

Marina continuou a procurar alguém que sentisse o mesmo que ela e amigos que respeitassem o seu desejo.